



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

UMA SALA, MULTIPLAS TRAJETÓRIAS: PERCEBENDO O BAIRRO POR MEIO DE DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

DANIEL MALLMANN VALLERIUS
HUGO GABRIEL DA SILVA MOTA

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO: Nos últimos anos, a educação escolar vem buscando superar um de seus maiores desafios: promover uma redução nas distâncias entre as informações e conhecimentos construídos na sala de aula com as experiências e vivências trazidas pelos seus alunos no seu cotidiano e com a sua história de vida. Neste sentido, apresentamos neste trabalho uma proposta metodológica para estimular o conhecimento e o sentimento de pertencimento acerca do bairro, da comunidade, do espaço vivido do aluno, por meio de diálogos entre gerações distintas em uma sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas aulas de Geografia. Para além, apresentamos um relato de sua execução em uma escola pública e nossas considerações sobre nossa experiência no desenvolver da mesma.

ABSTRACT: During the recent years, the school education are seeking to overcome one of his biggest challenges: promote a reduction in the distances between the information and knowledge that are building in the classroom and the experiences brought by the students on everyday and their life history. In this way, we present in this article a methodological proposal to stimulate the knowledge and the belonging feel about their neighborhood, their community, the vivid space, by the dialogues between different generations that are present in a classroom of Adults and Young Education (EJA) in the geography classes. Plus of that, we present a report about the execution of the project in a public school and our considerations of the experience in the development of it.

Nos últimos anos, a educação escolar – e por questões de sua gênese como ciência, com maior ênfase, a Geografia - vem buscando superar um de seus maiores desafios: promover uma redução nas distâncias entre as informações e conhecimentos construídos na sala de aula com as experiências e vivências trazidas pelos seus alunos no seu cotidiano e com a sua história de vida.

Reconhecer a existência deste desafio e da busca pela superação do mesmo nos convida a nos aproximar de uma plenitude no ensino de nossa ciência. Tal plenitude pode ser compreendida como o exercício de uma geografia cidadã e que dê conta de explicar e (re)pensar os diversos fenômenos e ações sociais que são empregados e exercidos no espaço, seu objeto-mor de estudo.

Espaço este que é construído pelos mais diversos agentes sociais, dentre os quais, um dos mais relevantes no contexto da educação formal, são os nossos alunos. É no espaço que estes interagem, criam vínculos entre si e com os demais elementos que compõem um cenário onde a compreensão de seu próprio espaço – e as percepções que dele temos – acabam por fazer muita diferença na hora do seu (re) pensar cotidiano. E esta reflexão vem a ser fundamental na construção de um pensamento geográfico.

Um espaço escolar acaba por congrega cidadãos das mais variadas origens, idades, credos e percepções de seu próprio espaço. As salas de aula tornam-se verdadeiros “palcos” para uma diversidade interessantíssima. A possibilidade de troca é muito vasta e facilitada – em tese – pela proximidade cotidiana destes sujeitos, colegas da mesma turma. Destaca-se que, em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitas vezes, estudantes alocados em uma sala de aula possuem origens e cotidianos bastante diversa.

Porém, nem sempre tal compartilhamento ocorre de fato. Seja pela ausência de momentos e espaços apropriados, pelas particularidades da rotina de alunos que trabalham durante o dia e estudam a noite, ou até mesmo pela ausência da compreensão da relevância e da riqueza que tais momentos podem proporcionar, inclusive para os atos pedagógicos a serem exercidos pelos professores, por vezes este diálogo fica relegado a um segundo (ou terceiro, quarto, quinto...) plano.

Frente a isto, apresentamos aqui a proposta da construção de um diálogo intergeracional em uma turma de EJA, com a intenção de facilitar a percepção do espaço vivido do aluno e na esperança de que tais momentos sejam apenas o início de um processo de interação e de mutuo crescer entre os estudantes. Para além da sugestão da proposta, traremos no decorrer do artigo algumas considerações acerca do emprego desta em uma turma de Educação de Jovens e Adultos da rede pública municipal de ensino de Porto Alegre-RS.

Diante do exposto, nosso objetivo principal consiste em construir uma proposta que promova um espaço de aproximação e de encontros das percepções sobre o espaço dentre as mais variadas gerações que compõem uma turma de Educação de Jovens e Adultos, dentro de um cenário que visa melhor conhecer o bairro/comunidade onde estão inseridos. Esta evolução na compreensão do espaço torna-se um importante componente formativo na consolidação de um ensino de geografia com um viés cidadão.

No contexto geral de nosso trabalho, para além do objetivo recém-mencionado, alguns objetivos específicos também devem ser considerados. Dentre eles, destacam-se:

- Compreender as experiências empíricas dos sujeitos como elementos-chave na compreensão da Geografia;
- Fomentar o respeito a diversidade geracional dentro das classes de Geografia Escolar;
- Perceber a sala de aula como um espaço de respeito as diferentes visões do espaço vivido e conectado com o cotidiano do aluno.

Torna-se imperativo ressaltar que a escolha pelo fomento ao diálogo intergeracional deu-se especialmente pela diversidade de idades presentes em uma das turmas de Educação de Jovens e Adultos de nossa escola-campo (Escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre, situada na região sul do município). Compreendendo alunos de uma faixa etária bastante dilatada - entre 16 e 69 anos de idade - percebemos, no transcorrer de nossas aulas, que os estudantes não se enxergam enquanto sujeitos moradores de uma comunidade, de um bairro específico. Ocorre, sim, tal sensação de maneira reversa, com um sentimento de 'negação' e até de repulsa frente a este.

Ainda que tal constatação possa nos causar certa estranheza – e até desconforto – em um primeiro momento, cabe destacar que a região na qual a grande maioria dos estudantes habitam – e produzem seu espaço vivido cotidianamente – é fortemente estigmatizada pelos casos de violência e pelas condições precárias de moradia, o que possivelmente tende a incitar o desejo dos estudantes (mesmo daqueles com uma idade mais avançada) de não assumirem-se como parte integrante de um cenário pouco desejável e respeitado por moradores de outras áreas da cidade e, até mesmo, por uma parcela dos moradores da própria comunidade em questão.

De tal forma, foi após constatar tais sensações e posturas que optamos por um projeto sobre o bairro no qual a comunidade insere-se. Para além disso, nossa intenção é de que, ao final deste, tivéssemos a oportunidade de elocubrar a riqueza que reside na fotografia multifacetada da turma em questão para compartilhar histórias, vivências e perceber as modificações sofridas pela comunidade ao longo destes anos.

Nossa proposta de ação foi dividida em seis passos sequenciais e ocupou um tempo correspondente a 04 horas/aula, sendo que tais ações foram divididas em duas noites.

O primeiro passo diz respeito a compreensão cartográfica dos sujeitos, e foi intitulado “Percebendo a Localização do meu bairro”. Neste momento, os alunos foram divididos em grupos e apresentados ao mapa do município, de maneira livre em um primeiro instante e, após, com o intuito e a orientação de visualizar e identificar as divisões e os limites do bairro onde a comunidade está inserida (explícitas ou não na carta) – perante os demais bairros da cidade. Na sequência, foi realizado um exercício de localização da escola/comunidade perante pontos de referência da cidade, tais como o Jardim Botânico (ponto de grande curiosidade dos alunos, que solicitaram inclusive um trabalho de campo para este local) e a Estação Rodoviária (presente no cotidiano dos alunos ou de familiares). Já a segunda etapa de nosso trabalho versa de maneira mais incisiva sobre um estudo um pouco mais específico da formação e da história do conjunto habitacional no qual residem grande parte dos alunos. Chamamos este passo de “Percebendo a História e construindo o presente”.

Para a sua execução, contamos com o auxílio de polígrafos e documentos disponibilizados pela prefeitura. Após o primeiro contato com os mesmos, traçamos um breve histórico dos pontos principais na trajetória de criação e na história do bairro. Julgamos relevante salientar que os alunos de idade mais avançada contribuíram para enriquecer este momento mediante seus depoimentos pessoais onde descreviam parte importante destes acontecimentos, sendo que, por vezes, estes foram sujeitos ativos do processo.

Por sua vez, na terceira etapa da nossa proposta, sob a nomenclatura de “Expressando meu espaço cotidiano”, ofertou aos alunos a possibilidade da construção de redações que versavam sobre seu espaço vivido, sobre os elementos que permeiam e perpassam os espaços pelos quais habitam, transitam e constroem.

Esta atividade foi realizada de maneira individual e a sua ênfase residiu nos pontos que os estudantes julgassem mais importantes dentro do cotidiano de cada um deles, e que envolvessem o bairro e/ou comunidade(s) onde estão inseridos majoritariamente.

Após, teve seu início a quarta etapa, mediante a formação de duplas com características intergeracionais. Chamamos esta etapa de “Percebendo a diversidade”. Lembramos que, neste momento, optamos por trabalhar com duplas, dado que o número de alunos na turma em questão era relativamente baixo (08 estudantes), o que não é novidade em turmas de EJA de Ensino Fundamental, especialmente na segunda metade do ano.

De tal maneira, após a escrita das redações, mediamos e orientamos a formação das duplas, levando em consideração um levantamento das idades dos alunos, ação previamente realizada. Assim, os grupos foram dispostos da seguinte maneira:

Grupo 01: Aluno “A” (15 anos) / Aluno “E” (34 anos)

Grupo 02: Aluno “B” (17 anos) / Aluno “F” (41 anos)

Grupo 03: Aluno “C” (18 anos) / Aluno “G” (42 anos)

Grupo 04: Aluno “D” (21 anos) / Aluno “H” (69 anos)

Mediante a configuração das duplas recém-descritas, tivemos um quadro onde a diferença de idade entre cada um dos membros oscilou entre 19 e 48 anos. Optamos pela divisão em questão com vistas a manter da maneira mais equânime possível a diferença de idade entre elas.

Dando continuidade ao nosso trabalho, passamos a etapa denominada “Trilhas e Trajetórias: Conhecendo o espaço vivido de meu colega”. A partir deste momento, os estudantes da sala foram convidados a responder a um pequeno questionário de maneira individual. Após o término deste trabalho, os alunos compartilharam suas respectivas respostas com o seu colega de dupla.

Inicialmente, destacamos as questões apresentadas aos estudantes de menor idade de cada um dos grupos:

Questão 01: Como você imagina o seu bairro quando foi criado e o que mudou desde então?

Questão 02: Quais seriam os locais que você frequentaria se tivesse a sua idade atual há cerca de 25 anos atrás? Seriam os mesmos que você frequenta hoje?

Questão 03: Como você percebe o seu bairro hoje? E como você pensa que o perceberia caso tivesse a idade do seu colega de dupla?

Questão 04: Como você participa na construção do espaço da comunidade? E como você vê a atuação das pessoas mais idosas na construção deste?

Agora, apresentamos as questões dos alunos de maior idade de cada grupo:

1) Como você imagina o seu bairro quando foi criado e o que mudou desde então?

2) Quais foram os locais que você freqüentava a cerca de 25 anos atrás? São os mesmos que você freqüenta atualmente?

3) Como você percebe o seu bairro hoje? E como você pensa que o perceberia caso tivesse a idade do seu colega de dupla?

4) Como você participa na construção do espaço da comunidade? E como você vê a atuação das pessoas mais jovens na construção deste?

Ainda nesta etapa, em um momento seguinte, cada um dos grupos apresentou a turma os pontos que julgaram mais relevantes e, com maior destaque, aqueles em que houveram grande diferença entre as percepções dos espaços vividos e/ou imaginados pelos indivíduos.

O passo final, “refletindo sobre a atividade”, foi pautado em um convite a reflexão sobre a validade e a aceitação – ou não – deste tipo de proposta, especialmente desta troca de experiências e trajetórias. Em nossa experiência, o retorno oferecido pelos alunos mostrou-se extremamente positivo.

CONCLUSOES E RESULTADOS

Uso do mapa: trouxe reações de surpreendente alegria e foi fundamental para que os alunos se aceitem como partes integrantes de um todo - o que nem sempre é fácil quando lidamos com pessoas que não se enxergam ou não querem se enxergar como agentes produtores de um espaço degradado e pouco valorizado.

Estudo da história do bairro: o retorno também mostrou-se positivo, visto que mesmo dentre os estudantes de maior idade, poucos conheciam os fatores que desencadearam a construção da área onde habitam. Aqui já era perceptível um ar de orgulho por morar na COHAB, expresso por comentários de poucas palavras mas contidos de significações, tais como “Bah, e eu que pensava que a COHAB era só cria de maloqueiro”.

Redações: contemplaram desde aspectos mais ‘estanques’, como as ruas principais pelas as quais transitam e as estruturas urbanas disponíveis no bairro, até elementos carregados de valor afetivo. O mosaico de respostas contemplou também a diferença de como eles se percebem frente aos bairros do entorno, muitas vezes de maneira auto-depreciativa.

Diálogos Intergeracionais: Inicialmente, os alunos pouco interagiam. Os alunos mais novos “puxaram” os trabalhos fazendo conexões com alguns itens citados nas redações. Cabe destacar que o clima de “cooperação” entre os membros de cada uma das duplas foi latente e tornou a atividade ainda mais interessante.

Dentre as respostas, o que mais se destacou foi o rico momento que tivemos quando as duplas compararam os lugares que freqüentam e/ou freqüentaram. As respostas dos alunos mais antigos invariavelmente remetiam a cinema e lanchonetes, já as da atual geração trataram de shoppings e festas noturnas.

Percepção dos jovens: é muito importante ter pessoas experientes e “maduras” no dia-a-dia, mas elas se mostram pouco presentes no cotidiano do bairro.

Alunos de mais idade: dizem que após trabalhar várias horas por dia fica difícil pensar em qualquer coisa que não seja o descanso e a preparação para o dia seguinte.

A opinião dos colegas mais experientes frente a participação dos jovens contempla sempre uma idéia de “futuro” além do ideário de que a tarefa de mudar/melhorar a vida na comunidade compete a eles.

Importante: as gerações reconhecem a sua importância na comunidade, todavia preferem atribuir as demais à responsabilidade pelas mudanças necessárias.

Em um contexto geral, os alunos das diferentes idades percebem o bairro da mesma forma. Contudo, eles “se” percebem de maneiras distintas. Os mais novos preferem dizer que moram em bairros de maior valor agregado (Vila Nova, Cavalhada). Já os de maior idade salientam que tinham vergonha de se dizer moradores do conjunto habitacional em questão, mas que, com o passar do tempo, passaram a ter orgulho de assumirem-se como moradores deste espaço.

E foi aqui um dos pontos mais ricos deste diálogo de gerações que obtivemos: a experiência previa de quem um dia, também não se sentia – ou não queria sentir-se, claro – membro integrante e produtor de um determinado espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao optar pela temática da diversidade geracional dentro de uma proposta de aula de Geografia, tivemos o cuidado de não tratá-la como algo artificial, ou que aparente ter sido “enxertado” dentro de uma aula apenas com a intenção de subsidiar algo. Assim, nossa escolha recaiu sobre utilizar a pluralidade de experiências e vivências em uma classe específica de uma turma de EJA – noturno, freqüentada por estudantes de diversas idades e que residem na mesma comunidade.

Desta forma, a intenção foi permitir aos próprios alunos perceber e assimilar a relevância do respeito as diferentes gerações e, em especial, do compartilhar de trajetórias, percepções e saberes com colegas – e a comunidade em geral – de todas as idades, sem imposições ou outorgas.

O resultado, em nossa ótica, foi plenamente satisfatório, e esperamos que tenha sido apenas o embrião de outras atividades que permitam tais espaços de troca e crescimento coletivo.

Referências:

- ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda. Culturas jovens: Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CAVALCANTI, Lana. A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o estudo de geografia para a vida urbana cotidiana. Papirus, Campinas: 2009.
- COSTA, Samira; MACIEL, Tânia. Os sentidos da comunidade: A memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. In: Arquivos Brasileiros de Psicologia, vol. 61, nº 01. Rio de Janeiro: 2009.
- SERPA, Ângelo (org). Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2008

1. Professor da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário de Altamira. Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES/PRODOUTORAL UFFPA. E-mail: daniel.mv@uol.com.br.
2. Professor da rede municipal de educação de Goiânia - GO. Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: hugo_brt@yahoo.com.br.

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: